



財

神

# *Shen Cha e Xian Cha* de Macau

## O Sobrenatural na Medicina Popular da China do Sul

ANA MARIA AMARO\*

“O infinito é um quadrado sem ângulos”

(Provérbio chinês)

Além de toda a vasta gama de mezinhas e de práticas terapêuticas, conservadas pela tradição popular de Macau, há, ainda, a considerar os aspectos não terapêuticos da medicina macaense, que tão valiosa se mostrou como forma de adaptação cultural dos portugueses locais, principalmente ao longo dos três primeiros séculos da história do território. Estes aspectos

\* Professora catedrática jubilada do ISCSP/UTL (Lisboa) onde exerceu docência de várias cadeiras da Licenciatura em Antropologia e Mestrados. Actualmente exerce a docência de cursos de Pós-graduação e é Directora do Centro de Estudos Chineses do ISCSP/UTL, cargo que exerce desde 1998, e professora de Instituições Culturais da China do Curso Livre de Língua e Cultura Chinesas. A principal área científica a cujo estudo há cerca de quarenta anos se dedica é: China / Sudeste Asiático / Macau. Outras áreas científicas de interesse são Filosofia, Medicina Tradicional Chinesa e História Comparada das Religiões das Civilizações Asiáticas e Relações Interculturais (ocupação dos ócios – jogos e outros lazeres).

*Ana Maria Amaro is a Professor at ISCSP/UTL (Lisbon), where she taught several subjects pertaining to the Anthropology course, and Master's degrees. Today she teaches at post-graduate level, and has been the Director of the Centre for Chinese Studies at ISCSP/UTL since 1998. She also lectures on the Cultural Institutions of China in the Studies in Chinese Language and Culture course. She has devoted over forty years of her career to research on China, Southeast Asia and Macao. Other fields of academic interest are: Philosophy, Traditional Chinese Medicine, Comparative History of Religions of Asiatic Civilisations, and Intercultural Relations (occupation of spare times – games and other leisure activities).*

Página anterior: Exemplo de um *sam kók fu*. Fotos do Instituto Cultural, Abril de 2003.

não terapêuticos podem analisar-se sob três ópticas: pessoal, social e sobrenatural ou mágica. Abordaremos a seguir apenas alguns dos aspectos do domínio mágico-religioso.

Em todas as épocas e em todos os pontos da Terra, a Medicina não pôde, nunca, libertar-se do pensamento sobrenatural. Segundo Sigerist “la médecine primitive est formée de trois componentes: les componentes empirique, magique et religieuse”.<sup>1</sup> Para este autor, cada um destes componentes evoluiu de forma independente, mantendo-se o pensamento mágico, entre o povo, com um peso inacreditável, apesar de todos os avanços da Ciência.

De facto, em todas as sociedades humanas, independentemente do seu estágio tecnológico, verifica-se sempre o mesmo fenómeno: uma estreita relação entre a medicina popular e a magia. Deste modo, nas práticas terapêuticas, usadas pelo povo, continuam a aliar-se diversos elementos, com valor curativo, a outros com valor apenas simbólico, tais como cabelos, ossos dos crânios de diferentes animais, pedras preciosas e, até, muitas plantas com valor meramente homeopático, para além do recurso a práticas que escapam a toda a lógica.

A verdade é que, nas sociedades que integraram as grandes civilizações mais antigas com história escrita, grande parte da sabedoria popular foi bebida nos livros clássicos dos velhos médicos, ao mesmo tempo que estes iam recolhendo, na tradição popular, elementos que enriqueciam os seus conhecimentos. Esta dupla corrente de ensinamentos eivou, necessariamente, os livros antigos de credences, as mais variadas, inclusivamente a do uso de amuletos.

De facto, a partir dos estudos de Etnografia comparada, pode constatar-se que a medicina dos povos sem escrita mergulha na Teurgia, na Magia e no Sacerdotismo, isto é, no mundo do Sobrenatural. E o certo é que esta ideia continua a viver, espantosamente radicada na medicina popular de todos os povos. É por este motivo que os estudos da História da Medicina estão intimamente relacionados com os da Antropologia.

### MEDICINA, MAGIA E RELIGIÃO

O etnema mágico-religioso, segundo Bernardo Bernardi (1974) representa “o conjunto das interpretações encontradas pelo Homem nas suas relações quer individuais quer colectivas com o mistério

## ANTROPOLOGIA CULTURAL

do Cosmos. A palavra Cosmos tem aqui um sentido globalizante, integrando a totalidade dos seres e das coisas.”<sup>2</sup>

As forças que escapam ao conhecimento humano, mas com as quais o Homem se confronta permanentemente, nas relações com o seu próprio Meio, de todos os tempos o têm angustiado, na medida em que o dominam. O significado da vida, do sofrimento e da morte, da presença do Homem na Terra, bem como outros problemas, para alguns dos quais até a Ciência já encontrou resposta (que, todavia, se mantém fora do conhecimento dos grupos menos informados), na medida em que continuam no domínio do mistério, controlam, de certo modo, a definição de valores conceptuais e de normas de conduta, que relacionam o Homem com o seu Ambiente. É assim que toda a expressão mágica ou religiosa pressupõe uma actividade racional e de tal modo que, mesmo entre os povos sem escrita, o filósofo está sempre presente no feiticeiro.

Considerando que o etnema mágico-religioso inclui um conjunto de actos, cujo objectivo é manter o equilíbrio entre os elementos do grupo e entre o grupo, no seu conjunto, e as forças da Natureza, torna-se extremamente difícil separar o sagrado do profano. E isso está bem patente em certas práticas da medicina tradicional chinesa de Macau.

O elemento fundamental das práticas mágico-religiosas é, naturalmente, o símbolo que, por analogia, exprime uma forma de comunicação com o Sobrenatural.

Segundo Jean Starobinski,<sup>3</sup> “não há diferença entre um homem civilizado, da nossa época, que pede conselho à vidente, um papua que se dirige ao feiticeiro e um egípcio do segundo milénio, que consultava um sacerdote”.

Como é óbvio, a consulta à vidente, ao feiticeiro ou ao sacerdote, pode ser ou não relativa à doença e à sua cura, mas a verdade é que, muitas vezes e em grande parte dos casos, é.

Quando começa a Medicina e acaba a prática mágico-religiosa? A Medicina começa quando o Homem quer intervir na cura das doenças, sem recurso, pelo menos exclusivo, às forças sobrenaturais. Na prática mágico-curativa, age a palavra ou o acto, que se dirige a um Ser Superior que rege a vida da pessoa doente, a uma força que nela se introduziu, ou a um elemento vital que lhe foi retirado. A Magia



actua, assim, através do doente e não directamente sobre ele. Raciocínio semelhante leva o feiticeiro a intervir para provocar a doença noutrém. Neste caso, as convicções do interessado serão fundamentais para se libertar do mal.

O auxílio de ervas, algumas usadas em farmacopeia, outras muito tóxicas ou alucinogénias, não tardou a conferir, ao ritual mágico, maior eficácia. Curare, mescalina, quinquina, reserpina, coca, estrofantó, ópio e efedrina são exemplos frisantes de espécies vegetais que foram utilizadas nos mais diferentes rituais e também em medicina mágica por povos dos mais antigos de que há notícia.<sup>4</sup>

Estabelecida uma fronteira, se bem que precária, entre Medicina, nos seus primórdios de Ciência, e práticas mágico-religiosas, resta definir os limites entre Magia e Religião. Por não ser fácil determinar estes limites, não há unanimidade entre os diferentes autores.

Magia, etimologicamente, deriva do latim *magia*, “ciência que ensina a fazer coisas extraordinárias ou admiráveis”.<sup>5</sup> A Magia tem por fim modificar o decorrer natural dos acontecimentos: induzir o Bem, anular um Mal ou provocar um dano a alguém, que tanto pode ser uma pessoa, como um animal ou um grupo de pessoas ou de animais.

## CULTURAL ANTHROPOLOGY



Talismãs e amuletos de uso pessoal que visam, sobretudo, proteger a saúde de quem os ostenta.

Actualmente, considera-se que o Egipto e a Caldeia foram o berço da Magia e da Astrologia sistemáticas. Cerca do ano 3000 a.C. já estas civilizações apresentavam sistemas mágico-religiosos amadurecidos, o que aponta para uma antiguidade muito maior dos respectivos rituais. A encantação, cujo poder reside na “fórmula” proferida e respectiva acção sobre as potências sobrenaturais que ela invoca, teve o seu ponto alto entre assírios e babilónios. Crendo que as “infelicidades”, quer a nível do Estado, quer a nível pessoal, como, por exemplo, a doença, podiam ser fruto da cólera dos deuses, do ataque de maus espíritos ou de sortilégios, aqueles povos criaram, por assim dizer, uma magia defensiva, associada a um complexo sistema divinatório.

Para assírios e babilónios, todas as doenças eram obra de espíritos diferentes, que actuavam especificamente sobre os diversos órgãos vitais. Estes maus espíritos ou demónios podiam ser atraídos por processos mágicos ou por “mau olhado”.<sup>6</sup> Vem de há milénios, nascido na Mesopotâmia, o uso da “figurinha de cera” em que se espetavam agulhas para se fazer mal a alguém e, também, o uso de “filtros de amor” repugnantes que, nos nossos dias, se usam ainda em Macau.

Na Assíria, a Magia, aliada à Astrologia, desde muito cedo passou a fazer parte das instituições do

Estado. Os reis mantinham por isso, na sua corte, magos,<sup>7</sup> adivinhos e astrólogos. A Medicina, entre estes povos, era, então, uma das aplicações da Magia.<sup>8</sup>

Os magos apoiavam-se no conhecimento da ciência do seu tempo e daí a grande credibilidade que lhes era dispensada. Estes detentores do saber, partindo da Caldeia, depressa se espalharam por vários pontos da Ásia e por todo o Mundo Mediterrânico, alcançando, na Europa, o favor do povo, embora este fosse completamente alheio às bases em que a sua ciência se apoiava. Não é de surpreender que várias crenças, como a crença nos “espíritos da doença”, nos “espectros”, na “cólera divina”, na “recitação de encantamentos” e na aplicação de remédios repugnantes, cujo papel devia, talvez, consistir em afugentar por repulsa os maus espíritos, se encontrem na medicina popular europeia e também na medicina chinesa. A teoria dos “dias críticos” que, tanto no Ocidente como na China, avassalou a Medicina e a manteve estreitamente ligada à Astrologia, é também, ao que se crê, de origem mesopotâmica. Outra crença babilónica, com mais de 5000 anos que ainda hoje goza do favor de pessoas com boa formação intelectual, é a crença no “mau olhado”, o *fascinium* dos romanos, e no poder do uso de falos, como a figa, como amuleto.

## ANTROPOLOGIA CULTURAL

Vários são os autores que se têm debruçado sobre o problema das diferenças e semelhanças entre Magia e Religião. Atendendo às origens históricas da Magia e ao facto de que os magos constituíam uma casta sacerdotal, detentora de uma arte ou técnica ritual de produzir efeitos benéficos e afastar efeitos maléficos, pela manipulação de forças ocultas ou seres preternaturais, a diferença é, na verdade, muito difícil de estabelecer. Que relações têm a superstição e a feitiçaria com a magia, assim definida? Actualmente, é costume considerar-se que a superstição<sup>9</sup> é uma atitude cultural, que pode interpretar-se sob um aspecto doutrinal ou ideológico, estando a feitiçaria relacionada com uma estrutura associativa e nem sempre propensa para o bem social.

De acordo com distintos conceitos de Religião, diferentes antropólogos consideram Religião e Magia áreas muito próximas, coincidentes ou vincadamente distintas.

Durkheim (1858-1917),<sup>10</sup> por exemplo, distingue a Magia, que pressupõe “clientela”, da Religião, que subentende uma igreja ou congregação. Este autor considera todas as religiões num mesmo nível, caracterizando-as “como uma forma metafórica que atende as necessidades da vida em sociedade.” Através do ritual estabelece-se uma dependência do indivíduo em relação ao grupo. A originalidade do

pensamento de Durkheim reside na consideração da existência de uma Igreja, sempre que se trate de Religião, ao passo que a Magia, feita de indivíduos para indivíduos, e não pertencendo ao campo do Sagrado, é eminentemente anti-social.

Contrariamente a Durkheim, o etnólogo B. Malinowski (1922),<sup>11</sup> estudando a magia nas ilhas Tobriand, classificou-a não como um malefício, mas sim como um benefício colectivo. Para este autor, Magia e Religião surgem de reacções emocionais do Homem diante dos problemas da vida quotidiana, que se sente incapaz de controlar. No entanto, Malinowski considera uma certa distinção entre Religião e Magia: “a Religião estabelece as suas finalidades no próprio acto revitalizador, constante da confiança do Homem para encarar o Universo incontrolável em que vive, ao passo que a Magia atende a finalidades específicas, desligada do culto de seres espirituais.” A crítica que se tem feito a esta distinção entre Religião e Magia, devida a Malinowski, consiste na dificuldade que surge quando se tenta classificar certos actos religiosos praticados para atender a finalidades específicas, como, por exemplo, o acto de um cristão, ao fazer o sinal da cruz, para evitar um mal, ou rezar para que chova ou para que suceda algo que deseja, de carácter pessoal e, por isso, sem interesse colectivo.

Um dos antropólogos que procurou superar as dificuldades encontradas nas definições, atrás expostas, foi o inglês E. R. Leach (1961).<sup>12</sup> Para este autor, o Sagrado não se diferencia do profano. Analisando um sacrifício, procurou separar as técnicas (matança, cozimento e acto de comer os animais sacrificados) dos actos rituais pelos quais os adoradores se dirigem aos espíritos. Para Leach é precisamente este ritual que confere religiosidade ao acto.

Antes destes autores outros houve que se ocuparam deste mesmo assunto. Pode, porém, dizer-se que a separação entre o acto mágico e o acto religioso, no comportamento humano, dirigido a forças sobrenaturais, foi pela primeira vez apresentada pelos etnólogos Edward B. Tylor (1903)<sup>13</sup> e James G. Frazer (1190), seu discípulo.<sup>14</sup> Tylor via na Magia uma pseudo-ciência que, apesar de estar ultrapassada pelo pensamento científico dos nossos dias, deixou traços marcantes sob a forma de superstição. Partindo destes conceitos, apresentados pelo seu mestre, Frazer defendeu alguns princípios dessa pseudo-ciência,



*Pui kau*: o adivinho, para consultar as divindades por este meio, deve atirar ao ar as duas metades e observar a posição em que caírem.

desenvolvendo uma teoria da Magia, largamente expressa na sua principal obra *The Golden Bough* (1.<sup>a</sup> ed. 1890). Segundo este autor, resumem-se apenas a dois os fundamentos da Magia:

– o princípio de que “o semelhante produz o semelhante” ou o de que “um efeito se aparenta com a sua causa”;

– o princípio de que “as coisas que estiveram uma vez em contacto, continuam a influenciar-se mutuamente, depois de haverem perdido o seu contacto físico”.

Para exprimir melhor a sistematização da sua concepção da Magia, Frazer apresentou o seguinte esquema:

Magia simpática  
(*Lei da simpatia*)

Magia homeopática ( <i>Lei da similitude</i> )	Magia contagiosa ( <i>Magia de contacto</i> )
---	--

Para Frazer, a Magia distingue-se da Religião, porque, no primeiro caso, o Homem, por meio do ritual, pretende impor a sua vontade às forças sobrenaturais, ao passo que, no acto religioso, o Homem humilha-se e implora o auxílio dessas mesmas forças.

Frazer, tal como outros autores, entre eles King, Preuss Hubert, Mauss (1904)<sup>15</sup> e Vierkandt, tentou apresentar uma origem mágica da Religião, dentro da mentalidade evolucionista da sua época. Tal teoria, porém, com o progresso dos estudos antropológicos, veio a desmoronar-se por se ter constatado a existência de Religião entre povos sem escrita tal como a concebemos na nossa sociedade. É certo que fácil é também constatar que todos os rituais religiosos, mesmo quando se trata da Igreja Católica, estiveram sempre sujeitos a degradação mágica.

Sejam quais forem as críticas dirigidas aos trabalhos de Frazer, a verdade é que as duas práticas fundamentais da Magia, por ele definidas, continuam a ter validade, sendo aplicáveis aos mais diferentes povos.

A aplicação mais conhecida do princípio de que o semelhante produz o semelhante é a prática, muito generalizada, de tentar prejudicar um inimigo, destruindo-se uma das suas imagens. Tal prática era comum na Índia, na Babilónia, no Egipto, na Grécia e em Roma, sendo, na actualidade, frequente entre os



Altar de templo tauista.

povos sem escrita.<sup>16</sup> Em Macau, ela é também corrente nos nossos dias, tanto entre os chineses como entre alguns luso-descendentes “filhos-da-terra”.

Relativamente à magia contagiosa, encontra-se igualmente muito espalhada por todo o mundo, sendo aquela que mais frequentemente é aplicada, pelas “mulheres de virtude”, em terras de Portugal e que é, também, muito comum em Macau.

Para Frazer, os cultos religiosos integram-se na vida social, tendo, como consequência, assegurar-lhe uma maior coesão, ao passo que os ritos mágicos decorrem à margem da própria sociedade. E isto porque aqueles que praticam a magia recorrem a actos por vezes repugnantes, manifestações anormais no consenso do grupo. A oração é um acto de humildade, ao passo que o encantamento mágico é um acto de orgulho, de arrogância, pois o praticante pretende sobrepor-se a uma força sobrenatural.

Para outros autores, tais como Levi-Brühl (1931)<sup>17</sup> e Malinowski, Magia e Religião não são práticas bem distintas, pois consideram que o rito é um acto

## ANTROPOLOGIA CULTURAL

simbólico ou religioso que se supõe dar aos homens o poder de usar forças ocultas para provocar fenómenos naturais.

Segundo Serge Hutin (1974),<sup>18</sup> o feitiço é a “acção vitoriosa dum homem sobre outro”, sendo uma das mais surpreendentes e mais antigas práticas sociais. Assim encarada, a Magia distinguir-se-ia da Religião mais pelos efeitos do que pela ideia subjacente.

Para René Hubbert e Marcel Mauss (1909)<sup>19</sup> o “ritual mágico é qualquer rito que não está incluído num culto organizado; que é privado, secreto, misterioso, tendo, como limite, a proibição”. Esta proibição, aliás, é anterior ao próprio Cristianismo. Moisés proibiu a prática da Magia e, também, na antiga Roma a Lei das XII Tábuas a interditava.

Entre os povos sem escrita, porém, Magia e Religião estão, por vezes, tão intimamente ligadas que a Magia é forçosamente uma prática lícita e até importante no contexto social. É assim que os feiticeiros da África Negra, por exemplo, tal como os antigos xamanes siberianos não podem comparar-se aos bruxos europeus medievais nem àqueles que exercem a magia actualmente, um pouco por toda a parte, entre os povos de tecnologia adiantada.

Tanto na Europa como em Macau, por exemplo, encontramos ainda hoje, os “bruxos bons”, que se ocupam em curar as doenças e a fazer o bem, mitigando os sofrimentos alheios, e os “bruxos maus” que “têm pacto com o Diabo” ou com espíritos malfazejos e que se comprazem em fazer o mal e em prejudicar outrém.

Esta distinção, apoiada na finalidade, levou a considerar dois grandes grupos de magia: “magia branca” e “magia negra”.<sup>20</sup>

Alguns autores contemporâneos apontam para as raízes medievais desta dicotomia, uma vez que o “culto do Demónio” é, ao que parece, uma criação europeia da Igreja, na Idade Média.

Até ao século XIII não havia, de facto, uma definição de Magia por parte da Igreja Católica. Na Europa, um feiticeiro podia ser um curandeiro, uma parteira, uma “santa”, uma mulher que servia de conselheira, tanto na cidade como nas aldeias, sendo uma pessoa respeitada e prestigiada na sociedade do seu tempo.

Dos fins do século XII aos fins do século XVII, a mentalidade popular, induzida pela Igreja, foi profundamente alterada no sentido da perseguição

sistemática dos que, de algum modo, invocavam as forças sobrenaturais, fazendo penetrar, no mundo cristão, as forças de Satã. Esta maneira de pensar conservou-se durante toda a Idade Média, atravessando o Renascimento, a Reforma, a Idade da Razão e a própria Revolução Científica. Duma situação de favor e, mesmo de prestígio social, à situação de pessoa odiada ou perseguida, o feiticeiro, na Europa, caiu bruscamente do seu pódio.

Intelectuais, juristas e eclesiásticos, passaram a debruçar-se, então, sobre o conceito de Magia, procurando estabelecer fronteiras entre as práticas mágicas e as práticas religiosas.

Só no século XIII, porém, com a Escolástica e os escritos de S. Tomás de Aquino (1225-1274)<sup>21</sup> os conceitos de Demónio e a definição de feiticeiro foram fixados e condenados segundo padrões coerentes, de acordo com os princípios cristãos.

Antes de S. Tomás de Aquino, a figura do Demónio era, para o povo, uma figura bastante folclórica, com a qual se relacionavam, por vezes, divertidas travessuras, que a literatura oral manteve até aos nossos dias.<sup>22</sup> A partir da obra de S. Tomás de Aquino, porém, o Demónio e a sua actuação passaram a ser tidas por reais e contrárias à lei de Deus. Passou a acreditar-se, por exemplo, que o Demónio podia unir-se aos corpos humanos, passando a comandá-los. O temor ao Demónio e a Magia passaram, desde então, a confundir-se, o que não sucedeu, por exemplo, entre os povos orientais.

A lista de crimes atribuídos à feitiçaria era longa: causa de doença e ou de morte súbita, de impotência, de esterilidade, de alterações meteorológicas imprevisíveis, de perdas de colheitas e de amigos, de mudanças bruscas de personalidade e, ainda, a tão temida possessão.

O Demónio é, pois, uma criação da sociedade feudal, que impôs ao povo o seu terror. Com os seus sequazes, os Anjos Rebeldes, a mentalidade da época criou um Exército do Mal, que rapidamente se impôs à mentalidade popular. O Maniqueísmo conferiu ao Demónio poderes idênticos aos de Deus, com o qual, é evidente, não se poderia igualar, segundo a ortodoxia cristã.<sup>23</sup> No entanto, a verdade é que o Maniqueísmo dominou a vida moral, social e política da Idade Média. Entre estas duas forças, o Bem (Deus) e o Mal (Demónio), a sociedade medieval encontrou-se emparedada, tendo de moldar, por elas, todos os seus



*Fu*. Alguns *fu*, de dimensões maiores, eram fornecidos pelos bonzos tauistas para reforçar os poderes dos *san chá* e dos *sin chá*.

padrões de vida. O Homem era disputado por Deus e pelo Diabo, o que está expresso nos baixos-relevos das catedrais da época.<sup>24</sup> Surge, então, o “exorcismo”, como função essencial dos Santos, uma vez que começaram a surgir possessos, frutos inevitáveis desta mentalidade.

Foi só no início do século XVIII que se fez sentir, na Europa, uma nova mudança de mentalidade, relativa à prática da magia, que deixou de ser, como até então tinha sido, a fonte principal da inquietação intelectual e jurídica. Nessa altura, começou a ganhar vulto uma nova forma de encarar os antigos padrões escolásticos, aos quais se passou mesmo a associar as crenças na feitiçaria.

Foi então que os homens cultos da época passaram a repudiar a credulidade e a superstição que caracterizavam o comportamento popular, sentindo a necessidade de se demarcarem do vulgo pelo seu comportamento.

Floresceram novos sistemas filosóficos e a própria Ciência, apontando novas explicações para os

fenómenos da Natureza, passou a distanciar-los, assim, de explicações simplistas apoiadas nas forças sobrenaturais.

O espírito crítico desenvolveu-se, surgindo o pensamento anti-escolástico cujas raízes remontam, aliás, ao século XVI. Montaigne (1533-1592) procurara já demonstrar que o Homem se pode enganar facilmente. Descartes (1596-1650) separou o “reino das coisas materiais do das coisas espirituais” e Hobbes (1588-1679) excluiu, por sua vez, qualquer espírito, bom ou mau, na sua interpretação materialista das coisas e dos factos. O mesmo sucedeu com Espinosa (1632-1677), que considerou “uma experiência filosófica ingénua as especulações em torno do Diabo.”

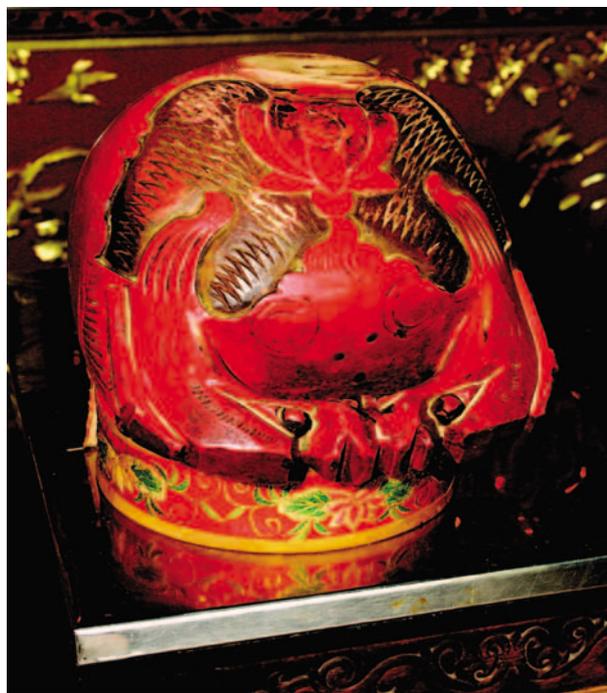
Contudo, a Magia, a par da Religião e do próprio racionalismo científico, continuou a viver na mente do povo. Aliás, relacionar o devir com um ente ou entes sobrenaturais, sejam espíritos mais ou menos abstractos ou coisas concretas a que se atribui um espírito potencialista, é um fenómeno comum à Magia e à

## ANTROPOLOGIA CULTURAL

Religião. É de notar, porém, que ambos os processos coexistem no tempo e não implicam, por isso, um fenómeno evolutivo, como alguns autores pretendem. Daí, a dificuldade em estabelecer barreiras nítidas entre Magia e Religião, apesar do espírito dos rituais e dos seus objectivos se apresentarem, aprioristicamente, diferentes.

A ideia de que o Homem, sentindo-se pequeno e perplexo perante fenómenos que não sabe explicar, é levado a procurar, no Sobrenatural, a protecção necessária e a força que lhe permita dominar esses fenómenos, tem sido muitas vezes mal interpretada. Por exemplo, qualquer habitante da cidade pode rir-se do camponês que vai rezar, a pedir que chova ou que acode à festa de S. Mamede ou de S. Brás para que o gado seja benzido e, assim, não morra e se multiplique e que acredita no “mal de olhado” e na “benzedura” ou “reza em cruz”, feita pela “mulher de virtude”. Na sua visão do mundo, a chuva e o gado são os bens fundamentais, fontes da sua economia e da sua sobrevivência. Por outro lado, o “mal de olhado” ou “mal de inveja”, na sua óptica, afectam principalmente as crianças que são sempre os pólos afectivos dos pais e uma garantia da sua perpetuação.

Em Macau, nos séculos XVIII e XIX, realizavam-se procissões tanto católicas de penitência como budistas de propiciação, para pedir chuva, em anos em que a seca se prolongava por Abril adiante.<sup>25</sup> É que a agricultura de auto-subsistência das pequenas hortas e a água dos poços da cidade e das fontes eram, nessa altura, os recursos fundamentais da cidade. As procissões de que há notícia eram sempre bem sucedidas, o que enchia de júbilo os chineses e os portugueses de Macau muito devotos, mais ainda do



Instrumento (espécie de baqueta) usado na oração pelo bonzo.

que os próprios europeus. E isto porque ao pensamento medieval que os seus antepassados haviam levado da Europa se aliou o pensamento mítico, próprio do Oriente. Vinda a chuva, seguia-se um solene *Te Deum*, na Sé, em acção de graças. E isto ainda se fazia nos fins do século XIX / princípios do século XX.

A verdade é que os chineses tal como os macaenses luso-descendentes são supersticiosos. Eles próprios o confessam. A explicação apontada para essa característica de que é extremamente difícil alguém libertar-se é, quanto a nós, a que atrás ficou expressa.

Por influência da moderna China e da cultura ocidental, levada directamente da Europa ou introduzida através de Hong Kong, os jovens macaenses vão, a pouco e pouco, perdendo essa mentalidade característica de seus pais e avós, que talvez, e dizemos talvez, a médio ou longo prazo, acabe por extinguir-se.

Analisando várias práticas decorrentes em Macau ainda nos anos 70, relativas à doença e à sua cura, é muito difícil, de facto, separar o pensamento religioso do pensamento mágico. Tanto no Tauismo como no Budismo-*folk*, utilizando a designação de Alceu Maynard Araújo (1959)<sup>26</sup> para religião popular, a noção

## CULTURAL ANTHROPOLOGY



Pauzinhos divinatorios.

de divindade é, na maior parte dos casos, “resultante dos efeitos curativos daquela.” Este é o caso dos oratórios budista e tauísta de Macau e do culto de San Nong [神农 Shen Nong] e de Vá Tó [华佗 Hua Tuo] no velho templo de Lin Fong [莲峰 Lian Feng] no extremo ocidental da aldeia de Mong Há [Wang Xia 望厦]. Aliás, tal ideia, em Portugal, está também subjacente entre o povo relativamente ao responso a Santo António “que faz aparecer as coisas desaparecidas”, à oração a Santa Bárbara, que protege das trovoadas, ao velho culto de São Roque, que, noutros tempos, era considerado protector contra as epidemias e também a muitas outras orações e novenas a outros santos do adagiário católico, relacionados com as mais diversas enfermidades. Relegar o médico e buscar nos santos a cura de uma doença é, aliás, prática muita antiga entre nós e muito difundida principalmente quando se busca alívio para o corpo e para o espírito, em caso de moléstias graves.

Entre as populações mais isoladas, onde as novas aquisições do conhecimento científico, “exportado” pelas sociedades ocidentais, não chegaram ou chegaram muito tardiamente, é muito natural que, entretanto, sem saberem explicar as causas das doenças e incapazes de controlarem as forças da Natureza que julgam provocá-las, muitos se voltem para o

Sobrenatural. Daí, o Catolicismo-*folk*, religiosidade impregnada de certas crenças em práticas mágicas, pagãs, que perdurou em certos grupos sem, por isso mesmo, diluir a pureza da sua Fé. Talvez se possa considerar um Catolicismo deste tipo aquele que muitas senhoras idosas de Macau praticavam, ainda nos anos 70, com a maior devoção e de que servem de exemplo os “senes” (nome em *patuá* de Macau de antigas moedas de prata) das caixas de esmolos da Sé, a almofada sobre o qual se apoia o pé do Senhor dos Passos ou os cordões roxos tecidos em seda que esta estátua em roca, vestida de veludo primorosamente bordado, transporta na mão durante as procissões anuais e que são considerados eficazes amuletos com poderes curativos.

É de notar, porém, que muitas vezes se verifica o fenómeno inverso: a Magia servir-se ou apoiar-se em práticas religiosas. Muitos dos nossos actuais “bruxos” de Lisboa têm o “consultório” pejado de santos católicos, santos que invocam nas suas práticas, utilizando frequentemente orações como o Padre Nosso, a Ave Maria, etc. Estas orações e outras ainda, mais ou menos inventadas por estes “bruxos”, são tidas por milagrosas e, neste consenso, o milagre confunde-se, entre o povo, com o acto mágico. As “cadeias de orações” que circulavam em Macau anonimamente, pelo correio, nos anos 1960/70 e que, em certas



Queima de incenso em templo.

## ANTROPOLOGIA CULTURAL



Mais um exemplo de *fu*.

alturas, reaparecem na Europa, são também pontos inegáveis de contacto entre Religião e Magia. Ao que consta, em França, o ponto de partida destas cadeias era frequentemente uma religiosa da Ordem de Santa Teresinha do Menino Jesus. Ignoramos quem punha a circular tais cadeias em Macau. Era enviada uma carta dactilografada, que era necessário copiar e enviar a cinco ou sete pessoas amigas.<sup>27</sup> Quem o fizesse teria uma recompensa súbita, batendo-lhe, inesperadamente a sorte à porta, a curto prazo. Quem quebrasse a cadeia sofreria um castigo sob a forma duma catástrofe, tal como a ruína total, a perda de um parente, etc. O pensamento mágico está, de forma inequívoca, subjacente nas pessoas que enviam tais cartas.

Ainda hoje, aliás, é frequente, nos jornais de Lisboa, aparecerem publicadas orações deste tipo, solicitando-se aos leitores que as utilizem no caso de desejarem obter uma graça, com o compromisso de as publicarem no caso de a obterem.

Do que atrás ficou exposto parece, quanto a nós, poder concluir-se que não pode, de facto,

estabelecer-se uma distinção nítida entre pensamento religioso e pensamento mágico, pelo menos sempre que se faça uma abordagem de carácter etnográfico.

#### ASPECTOS MÁGICOS DA MEDICINA POPULAR DE MACAU

A magia, no contexto europeu, transformada pela mentalidade escolástica numa magia popular ou feitiçaria, que culminou no culto do Demónio, não pode, de forma alguma, comparar-se com as práticas de magia dos povos do Oriente, onde quase sempre as fronteiras entre magia e religião são bastante imprecisas.

Em Macau encontram-se fundidas duas mentalidades com raízes antigas e, por isso, muitas práticas de origem portuguesa encontram-se hibridadas e, mesmo, confundidas com práticas nitidamente orientais.

Aliás, a história das populações, no espaço e no tempo, tem demonstrado que cada sociedade e, nela,

## CULTURAL ANTHROPOLOGY

cada período, tem gerado espaços mentais e sociais simbólicos, profundamente diferentes.<sup>28</sup>

E é precisamente isto o que se verifica em Macau relativamente às práticas de curar, que se apoiam no maravilhoso e que foram geradas ao longo dos tempos, por influências de grupos detentores de diferentes valores simbólicos. Por isso mesmo essas práticas caracterizaram, através dos séculos, os diversos estratos da heterogénea sociedade macaense.

Nos nossos dias, poucos são os macaenses que dizem recorrer às forças transcendentais, em busca da cura pessoal ou dum familiar doente. No entanto, assim como, abertamente, rogam a Deus e aos Santos católicos, pedindo graças e fazendo promessas em momentos de aflição, recorrem, ocultamente, às benzedoras e, mais raramente, aos bonzos, quase sempre por intermédio de um parente, dum amigo ou dum serviçal chinês. Em certos casos, basta levar uma fotografia da pessoa afectada e fornecer dados precisos quanto à data e à hora do seu nascimento. Noutros casos basta invocar as divindades ou os espíritos protectores, tanto budistas como tauístas, e através deles obter a miraculosa receita duma mezinha da riquíssima fitofarmacopeia chinesa.

Por isso mesmo, em Macau, a distinção entre os remédios mágicos e os divinos torna-se, muitas vezes, difícil de estabelecer, acontecendo o mesmo com muitos remédios naturais que, sendo por vezes usados por homeopatia, encontram-se mais ou menos confundidos com os remédios sobrenaturais. Tal facto resulta de ali se terem imposto desde muito cedo, desde a fundação da cidade no século XVI, os conceitos fundamentais da medicina oriental.

A influência chinesa nos remédios caseiros, por intermédio dos parentes e dos serviçais daquela nacionalidade, acabou, a certa altura, por tornar-se dominante. E é assim que se explica a introdução de certos princípios de dietética, confundidos com o receituário médico, a que está subjacente o pensamento mágico.

Para os chineses, tanto os alimentos, como os ingredientes do seu receituário médico, são índice do seu estatuto económico e também formas de comunicação social. Para E. N. Anderson e Marja Anderson,<sup>29</sup> “esta forma de comunicação é como que uma linguagem que combina unidades fonémicas (ingredientes), de acordo com os respectivos papéis (métodos de preparação, princípios de interacção

social, etc.) com o fim de comunicar mensagens à sociedade e aos próprios indivíduos”. Esta linguagem é, aliás, dissemelhante quanto ao seu valor pragmático e quanto ao seu valor real, respeitante à acção directa no organismo. Não é difícil entender-se que esta forma de comunicação ultrapasse o domínio do natural, para entrar no domínio do sobrenatural, principalmente no sul da China, onde o povo não

*Entre os povos sem escrita,  
porém, Magia e Religião  
estão, por vezes, tão  
intimamente ligadas que  
a Magia é forçosamente uma  
prática lícita e até importante  
no contexto social.*

estabelece nítida distinção entre o sagrado e o profano porque, como já atrás se disse, não estabelece uma nítida barreira entre o mundo visível e o mundo invisível. O Universo, para os chineses, é concebido como um Todo.

À mentalidade oriental, que as mulheres asiáticas, levadas para Macau pelos portugueses, transmitiram aos seus filhos, juntaram-se as superstições do Ocidente, às quais os homens doutros tempos seriam certamente muito mais sensíveis. A religião católica teria apagado, sem dúvida, muitas das velhas crenças, principalmente as que se relacionavam com práticas de feitiçaria.<sup>30</sup> Contudo, relativamente às práticas de medicina popular, dificilmente se poderia ter apagado essa mentalidade num grupo que se manteve bastante isolado durante séculos. Não admira, pois, que ainda hoje essa mentalidade subsista, muito em especial, entre as senhoras macaenses mais idosas, principalmente pertencentes às classes sociais menos favorecidas.

As doenças de natureza sobrenatural, que registámos em Macau podem, quanto a nós, classificar-se em dois grandes grupos: “resultantes de castigo divino” e de “origem mágica”. No segundo caso podem ser ainda classificadas em dois subgrupos: “provocadas

## ANTROPOLOGIA CULTURAL

por forças sobrenaturais, sem intervenção voluntária de outrém” e “provocadas por forças sobrenaturais, por vontade e acção directa de outrém”, que pode servir-se da mediação de terceiros. No primeiro grupo incluem-se o “mal de susto”, o “savan” ou “vento sujo” e estados de possessão por espíritos, como seja o caso da epilepsia e de outras doenças neuropsiquiátricas. No segundo grupo há a considerar o “olhado” (“ôlo quente”) e o “mal de inveja” (“boca quente”),<sup>31</sup> além de todos os males resultantes de “bagate” que corresponde, afinal, às verdadeiras práticas de feitiçaria, tal como as concebemos no Ocidente.

Para combater tais doenças recorre-se, nestes casos, à consultas das divindades nos templos ou a uma “mulher de virtude”, *pai san pó* [拜神婆 *pai shen po*] ou *man héong pó* [问香婆 *wen xiang po*], mulheres que servem de *medium*, estabelecendo a comunicação entre os homens e os espíritos.

Como profiláticos contra tais doenças utilizam-se ainda, em Macau, talismãs e amuletos, muitos deles de carácter religioso, quer budista-tauista, quer, ainda, católico. É também frequente recorrer-se à evocação dos santos ou dos *Pou Sat* [菩薩 *Pu Sa*], fazendo-se promessas que são pagas em função das curas. É de notar, aliás, em Macau, um flagrante paralelismo no que se refere a tais promessas entre a população católica e aquela que professa um budismo-tauismo, em certos casos bastante confuso.

Quer das consultas às divindades que se fazem nos templos budistas e oratórios tauistas quer das consultas dadas pelas “mulheres de virtude” chinesas resultam sempre uma receita que se avia numa farmácia chinesa ou num ervanário e também pequenos amuletos gnósticos pincelados num papel amarelo ou vermelho destinados a afastar as más influências e à preparação de “chás divinos”, os *san chá* [神茶 *shen cha*] e os *sin chá* [仙茶 *xian cha*], muito populares na China do Sul.

OS CHÁS DIVINOS: *SAN CHÁ* E *SIN CHÁ*

A arte da adivinhação ou mântica é extraordinariamente diversificada na sua expressão. Aliás, a adivinhação pelos “sinais” é talvez, de todas as práticas divinatórias, a mais complexa, mas também a que se encontra mais difundida pela Terra.

Sucedânea da consulta de oráculos e ordálios, a adivinhação operada por diferentes formas tem, de

certo modo, mantido o favor do povo e não só do povo menos culto.

Encontrámos senhoras macaenses que acreditavam piamente nos sinais, com que Deus prevenia as fiéis de certos acontecimentos que viriam a dar-se e os quais poderiam, assim, em certos casos, vir a ser contrariados. Houve quem nos dissesse que “nos acontecimentos mais banais pode ler-se um sinal premonitório dum evento qualquer”. Quer um “bom evento quer uma desgraça”. É preciso estar-se atento. Uma canção com determinado poema, que se ouve por acaso, é um exemplo deste tipo de sinais.<sup>32</sup>

Outro tipo de adivinhação do mesmo género e que goza de especial favor em Macau é o lançamento dos “pauzinhos divinatórios” nos templos budistas e que pode comparar-se, por exemplo, ao lançamento das dezasseis nozes de palma divinatórias, que se pratica na Nigéria e que se realiza com o mesmo objectivo, o que mostra a universalidade do processo.

A arte divinatória aprende-se e por isso é, muitas vezes, transmitida de pais para filhos ou/e ensinada dentro dos mosteiros pelos chefes das bonzarias. Em certos casos, quando esta aprendizagem é difícil e exige esforço mental e por vezes físico, como é o caso da utilização de drogas alucinogénias, há uma selecção natural dos adivinhos. Estes serão os mais hábeis, os mais inteligentes, os melhores psicólogos ou, ainda, os mais estóicos.

Se, no Ocidente, o adivinho se pode considerar um charlatão, entre os povos sem escrita e nas práticas rituais das religiões orientais só muito raramente o poderá ser. O adivinho acredita na sua arte e na inspiração sobrenatural que possui, associando-lhe geralmente, no caso da saúde e da doença, o conhecimento das ervas medicinais. E isto porque os casos de doenças de cura difícil são aqueles que mais clientes lhes proporcionam. Aliás, desde a mais alta antiguidade, em todos os pontos da Terra, o homem explorou a flora local para remediar diferentes males. E foi assim que a Medicina e a Magia se identificaram durante muito tempo como ainda hoje sucede entre muitos povos sem escrita, tal como atrás foi referido.

Um bom exemplo de drogas com valor terapêutico usadas no domínio da psicofarmacologia pré-científica é a beladona, que se usava na Europa, primeiro como uma planta utilizada pelos feitiçeiros e só depois pelos médicos, para combater dores

## INTERPRETAÇÃO DE DOIS SAN FU [SHEN FU] CONTRA DOENÇAS



1. Contra doenças desconhecidas
2. A ordem está dada
3. Aos quatro grandes oficiais para descobrirem
4. Através do *baqua* [八卦 *ba gua*]
5. Os maus espíritos que se escondem
6. Nas nuvens
7. Que o cumpram
8. Que um raio (fulmine)
9. Os maus espíritos erradios
10. Nomes de três más estrelas – *Shá, Chou e Tou*

Isto é:

É dada ordem aos quatro grandes oficiais (de serviço) para descobrirem os espíritos malignos que se escondem nas nuvens, servindo-se do *baqua* (Clássico da Adivinhação) para que executem esta ordem.

E que o raio fulmine os três maus espíritos das estrelas *Ché, Chou e Tou*.

2. Colírio maravilhoso
- 2.1. Buda
- 2.2. Ordena
- 2.3. Aos seis espíritos estelares da
- 2.4. Constelação do Sul
- 2.5. Espíritos perversos
- 2.6. De acordo com as ordens de Buda
- 2.7. Os espíritos do raio *Tin Kong* [天罡 *Tian Gang*] poderão servir-se do raio (ou fulminar)
- 2.8. Espíritos erradios que prejudicam o
- 2.9. Olho direito e o
- 2.10. Olho esquerdo que está obscurecido por uma névoa
- 2.11. *Iâm ieong* [yin yang] – e assim ficarão curados

Isto é:

Buda ordena aos seus Espíritos estelares da Constelação do Sul que persigam os maus espíritos *Téi cha* [地煞 *di sha*]. Os Espíritos das Estrelas *Tian Gang* [Tin Kong] poderão fulminar os espíritos malignos que obscurecem o olho direito e enevoam o olho esquerdo. Assim os dois olhos ficarão curados.

## ANTROPOLOGIA CULTURAL

nevrálgicas, cólicas nefríticas, etc. Em África, a iboga é usada para estimular o sistema nervoso durante as longas noites de caça. Na Índia, a *Rauwolfia serpentina* L., tal como na China, foi usada, desde a Antiguidade, para tratamento dos doentes mentais.<sup>33</sup> No Egipto e na América pré-colombiana outras tantas plantas ricas em alcalóides foram igualmente usadas de forma idêntica.

Uma outra forma especial de comunicação do adivinho com a divindade é o êxtase e a possessão dos espíritos, o que muitas vezes se processa por intermédio dum alucinogénio. Esta forma de adivinhação está representada, em Macau, pelas práticas das *pai san pó* e *man héong pó* já atrás mencionadas.

É de notar que, entre os diversos aspectos sociais destas práticas, prevalece a busca da cura de doenças e é através do êxtase e da possessão que a divindade transmite o remédio específico para o mal do consulente. Dada a grande antiguidade destas práticas e a sua larga difusão por todos os pontos da Terra não surpreende a sua grande popularidade.

Na China do Sul consultam-se ainda as divindades por meio dos “pauzinhos de adivinhação” – os *chim* [筮 *qian*] e os *pui kau* [杯琰 *bei jiao*] – e a resposta é traduzida por um bonzo numa receita que se vai aviar ao ervanário ou à farmácia.

A consulta às divindades ou aos espíritos protectores pode fazer-se por iatromância nos oratórios tauistas, mas é pelo lançamento das hastilhas divinatórias e dos *kuá pui* que as benzedeiras e feiticeiras geralmente o fazem, quer nos templos budistas quer nas pequenas e improvisadas capelas das “mulheres de virtude” ou “mulheres de *tou* [道 *dao*].”

Há, nos nossos dias, dois tipos diferentes de hastilhas divinatórias que podemos encontrar nos templos de Macau. Porém, as mais frequentes são as que a seguir se descrevem, funcionando de “fichas” destinadas à adivinhação por meio dos espíritos dos *Pou Sat* budistas, criaturas que, pelas suas virtudes, se libertaram da metempsicose e se encontram a meio caminho entre os mortais e as divindades, sentadas sobre troncos de flores de lotos, intercedendo pelos homens que as invocam nas suas necessidades e que se confundem, de certo modo, com os *sin* [仙 *xian*].

Estas “fichas” cujo uso vem da mais remota antiguidade, são em número de cem e talhadas em bambu e ordenadas, utilizando os sinogramas correspondentes a dez ramos do ciclo decimal – *kap*



*Fu* tauista, desenhado pelo bonzo Ngan Tan, destinado a ser colado na porta do quarto de dormir para afastar os “maus espíritos das doenças”. Nele pode ler-se: “Ordem Superior para que todas as Forças Sobrenaturais expulsem os maus espíritos. Cumpra-se.” (Pode ingerir-se sob a forma de *shen cha* reduzido a cinzas).

*chi* [甲子 *jiazi*] – do Zodíaco chinês e combinando-os 2 a 2 desde *kap üt* [甲乙 *jia yi*] até *kwai kwai* [癸癸 *gui gui*], o que perfaz, de facto, uma centena.

Em alguns templos escrevem-se sobre as “fichas” prognósticos, como “grande felicidade”, “boas probabilidades”; noutras, não se escreve mais nada, mantendo-se apenas o grafismo que se indicou.

Num caderno de papel de arroz, xilografado, composto de 100 páginas, também numeradas pelos sinogramas constantes das fichas, encontra-se escrito em cada uma destas, um verso mais ou menos abstracto, ou uma receita médica, conforme o tipo de consulta solicitada. O bonzo, ou encarregado do templo, em face das fichas que saltam do copo de

## CULTURAL ANTHROPOLOGY

bambu, ao agitar--se este três vezes seguidas, depois de se acenderem 3 pivetes de culto e de se bater cabeça à divindade invocada, tem de interpretar os verdadeiros enigmas constantes do dito livro. No caso de se tratar duma receita medicinal, esta é fornecida xilografada num papel auspiciosamente cor-de-rosa eosina, a troco de poucos avos. Esse papel é acompanhado de outro menor que apresenta um *fu* [符 *fu*] xilografado e que se destina a ser queimado, juntando-se, depois, as suas cinzas à mezinha, que se deve aviar na farmácia e preparar, sob a forma de decocção.

Em certos pontos da China do Sul, os bonzos não se servem destas hastilhas de bambu mas sim de dez sapecas, uma delas colorida de vermelho. Colocadas num entre-nó de bambu, que se agita a seguir, são lançadas ao ar e analisadas ao cair. Se a sapeca vermelha for a primeira a cair e lograr cair duas vezes sucessivas, corresponde à primeira ficha atrás citada, o *duplo kap* [甲 *jiā*]. Se a sapeca vermelha for a segunda a sair no primeiro lançamento e a terceira no segundo, corresponde à 13.<sup>a</sup> ficha, isto é, à ficha equivalente à 13.<sup>a</sup> combinação. Neste caso, apresentado apenas a título exemplificativo, será consultada a 13.<sup>a</sup> folha do caderno xilografado, ao passo que no primeiro caso a folha a consultar será a primeira, e assim sucessivamente.

Para os que acreditam nesta prática divinatória, as hastilhas, o livro e os versos ou comentários que dele constam, são “instrumentos” do espírito sobrenatural invocado, através dos quais se serve para manifestar o seu pensamento.

Entre as “mulheres de virtude” chinesas o instrumento divinatório mais utilizado é o *pui kau*.

O *pui kau* é um objecto constituído por dois pedaços de madeira rectangular com cerca de 1,5 x 5cm, perfurados num dos lados e ligados por um fio. Mais frequentes são os *pui kau* encurvados, com a forma de dois chifres simétricos, com uma das superfícies plana e a outra convexa.

Antigamente, os adivinhos serviam-se nas suas práticas oraculares da valva inferior duma concha de ostra, que se partia ao meio, ou dum chifre de bovídeo cortado longitudinalmente em dois pedaços simétricos. Este instrumento tinha o nome de *pui kau*. O actual *pui kau* em madeira, sucedâneo dos antigos em concha ou chifre, assemelha-se por vezes a um antigo copo de vinho de onde o seu nome clássico que, hoje, se lhe

atribui: *pui kau*. O operador, para consultar as divindades por este meio, deve atirar ao ar as duas metades e observar a posição em que caírem. Se as faces côncavas ficarem ambas para baixo corresponde a *iâm* [阴 *yin*] (princípio negativo); se caírem ambas com estas faces voltadas para cima, corresponde a *iéong* [阳 *yang*] (princípio positivo) e se caírem uma voltada para baixo e a outra para cima, correspondem a *san* [神 *shen*], santo. O *pui kau* é lançado ao ar por três vezes, para se poder fazer uma interpretação considerada válida. Pelo facto da palavra *kau* [狡 *jiao*] ser homófona de *kau* [教 *iao*], ensinar, surgiu a crença popular de que este método é o mais eficaz, pois, através dele, os espíritos sobrenaturais podem ensinar aos homens qual a sua conduta mais correcta.

No século passado os *pui kau* eram feitos com rizomas de bambu com uma polegada chinesa de diâmetro e 3 polegadas de comprimento. A este instrumento, feito da raiz de bambu, era dado o nome especial de *tou* [dao].

Existe um livro especial onde estão registados os resultados das combinações dos três ideogramas *iéong* [*yang*], *iâm* [*yin*], *san* [*shen*] em número de vinte e sete, e cuja consulta permite responder às questões formuladas. Depois das indicações preliminares, segue-se o vaticínio: “bom” ou “mau”. Depois deste, pode ler-se um verso de sete caracteres, rematado frequentemente por um comentário sobre o que deve evitar-se ou fazer-se, para que um determinado acontecimento corra bem. É o caso, por exemplo, de uma viagem, de um negócio, de um tratamento médico.

Este processo emprega-se vulgarmente nos templos, mas é o único que as benzedeadas adoptam sem,

*Se, no Ocidente, o adivinho se pode considerar um charlatão, entre os povos sem escrita e nas práticas rituais das religiões orientais só muito raramente o poderá ser.*

## ANTROPOLOGIA CULTURAL

contudo, consultarem qualquer tratado. Nos anos 1960-1970, a *pai san pó* do Bairro Tamagnini Barbosa, em Macau, era assim que procedia, cada vez que entrava em êxtase.

Tal como nos templos, no final de cada sessão os consulentes recebiam dois papéis xilografados. Num deles estava xilografada uma receita que devia aviar-se numa farmácia tradicional e com ela preparar uma decocção curativa, isto é, um chá medicinal, que, neste caso, é um *san chá*, “chá espiritual” ou “sobrenatural”, por ter sido ditado não por um médico ou curandeiro mas por um Espírito Superior. No outro, um pequeno papel, geralmente amarelo ou roxo, estava xilografado a vermelho, um *fu*, sinograma muito estilizado e metafórico, muito do agrado dos bonzos tauistas. Este papel deveria ser queimado e ingeridas as suas cinzas com o *san chá*. Estes chás assim preparados com as cinzas dos *fu* incorporadas, são os *xian cha* [*sin chá*] ou “chás dos imortais”, de inspiração tauista. Aliás, estas cinzas têm por única finalidade potenciar os *shen cha* [*san chá*] que as divindades haviam ditado, entrando no “ciclo vital do doente”.

Alguns *fu* de maiores dimensões e caligrafados a pincel com cinábrio sobre papéis rectangulares amarelos eram também fornecidos pelos bonzos tauistas para reforçar os poderes dos *shen chá* e dos *xian cha*, colados nas cabeceiras das camas, nas portas ou paredes dos

quartos ou noutros pontos considerados os mais favoráveis.

Analisando a palavra *fu* [符], podemos constatar que é formada por dois radicais: *chok* [竹 *zhu*] (bambu) e *fu* [付 *fu*] (dar, pagar, conceder), o que parece, realmente, apontar para um antigo amuleto gravado sobre hastilhas de bambu.

Há, ainda, a acrescer a auspiciosa homofonia em cantonense com aliviar, tranquilizar, confortar [抚 *fu*]. Usa-se, também, na linguagem vulgar o termo *san fu* [神福 *shen fu*], como *fu* sobrenatural ou espiritual.

Apresentamos, na página 116, um exemplar que foi para nós executado, diga-se a propósito que por um preço bastante elevado, por um bonzo tauista do Bairro de San Kiu, em Macau, em 1965.

## CONCLUSÕES

Embora muitos sorrisam destas práticas tradicionais que lograram vencer o tempo e também as sucessivas ondas de modernidade, a verdade é que, vinda da aurora dos tempos, a crença no Sobrenatural tem servido de suporte a muitas incertezas, angústias e medos para os quais os homens, esmagados pela sua pequenez perante um Universo formado de mistérios, não encontram respostas, senão procurando no mundo do desconhecido um raio de esperança. **RC**

## NOTAS

- 1 Sigerist, citado por Alberto Pessoa in *Medicina Primitiva*. Leitura feita na Associação dos Médicos do Centro de Portugal, na noite de 28 de Maio de 1920, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1920.
- 2 Bernardo Bernardi, *Introdução aos Estudos Etno-Antropológicos*, p. 386.
- 3 J. Starobinski, *História da Medicina*, p. 7.
- 4 *Psicobiologia. As Bases Biológicas do Comportamento*, pp. 389-398.
- 5 Dicionário de Moraes, Ed. Lisboa, s.d..
- 6 Alberto Pessoa, *Medicina Primitiva*.
- 7 *Mago* era o nome dado aos sacerdotes de Zoroastro (que no mundo mediterrânico tiveram grande aceitação), derivando, desta palavra, a palavra latina *magia*.
- 8 Contenau, *La magie chez les Assyriens et les Babyloniens* cit. por Marguerite Rutten in *La science des Chaldeens*, PUF, Col. Que sais-je? n.º 893, Paris, 1970, p. 59.
- 9 Nos nossos dias alguns autores procuram explicar a superstição como uma associação de condicionamentos, resultantes de coincidências e sequente estabelecimento de relações causa-efeito.
- 10 Émile Durkheim (1858-1917) nasceu em Épinal e faleceu em Paris. É considerado o fundador da Escola Sociológica Francesa e precursor do *Funcionalismo*.
- 11 Bronislaw Malinowski (1884-1942) nasceu na Polónia, estudou na Áustria e na Alemanha, emigrando depois para Inglaterra, onde

- 11 fez toda a sua carreira. Morreu nos Estados Unidos. Ficou famoso o seu trabalho sobre as ilhas Tobriand (*Argonauts of the Western Pacific*, 1922, trad. francesa em 1963) e a sua teorização do *Funcionalismo*.
- 12 Edmund Ronald Leach, antropólogo inglês (1910-1989) trabalhou na Birmânia (1939-1945), em Bornéu (1947) e em Ceilão. É notável o seu livro *Critique de l'anthropologie*, 1968, trad. francesa de *Rethinking Anthropology* (1961).
- 13 Edward Burnett Tylor (1832-1917), antropólogo britânico, professor em Oxford em 1896 e considerado o fundador da *Culturologia* (1871). Dedicou-se fundamentalmente ao estudo da mitologia, da magia e da religião dos povos ditos primitivos, assuntos que abordou numa óptica evolucionista, característica do seu tempo. O seu trabalho, ao qual aqui nos referimos é *Primitive culture*.
- 14 Sir James George Frazer (1854-1941), de origem escocesa, ficou famoso pela sua obra monumental *The Golden Bough*, 1ª. ed. 1890 (2ª. ed. 1911-1915, 12 volumes), ao longo da qual apresenta uma teoria da magia e da religião, analisa a noção de alma e estuda vários ritos. Discípulo de Tylor, foi professor em Glasgow e depois em Cambridge. A sua obra é extraordinariamente controversa, por ser considerada “trabalho de gabinete e não trabalho de campo”. Tem, no entanto, passagens admiráveis e como trabalho de análise e de

## CULTURAL ANTHROPOLOGY

- sistematização do saber etnográfico da sua época, e pode, quanto a nós, considerar-se uma obra magistral.
- 15 Marcel Mauss (1872-1950), sobrinho e continuador de Durkheim. Interessou-se pela Filologia, pela Linguística e pela História das Religiões tendo sido professor na École des Hautes Études de Paris. É considerado o fundador da Etnologia francesa. O seu conceito de Magia está magnificamente explanado no seu trabalho *Esquisse d'une théorie générale de la magie* em colaboração com R. Hubert.
  - 16 Wünsch, "Eine antike Rache puppe", in *Philologus*, n.º LXV, 1902, pp. 26-31.
  - 17 Lucien Levy-Bruhl (1857-1939), filósofo e sociólogo francês que se ocupou da definição de "mentalidade primitiva" esforçando-se por estabelecer a distinção entre o pensamento cartesiano e o pensamento "pré-lógico". São muito Interessantes os seus trabalhos: *Le surnaturel et la nature dans la mentalité primitive* (1931) e *La mythologie primitive* (1935).
  - 18 Serge Hutin, *La Hechiceria. Técnica de los maleficios*, p. 11.
  - 19 R. Hubbert e M. Mauss, *Mélanges d'histoire des religions*, pp. 131-185.
  - 20 Além da magia branca e da magia negra, certos autores consideram um terceiro tipo: a magia vermelha. Esta é a "magia que mata" e é própria, por exemplo, dos Kallawaya, grupo de curandeiros dos mais famosos dos Andes (J. Vellard, "Une ethnie de guerisseurs Andins. Les Kallawaya de Bolivie" in *Terra Ameriga*, Rivista del l'Associazione Italiana Studi Americanistici (A.I.S.A.), Genova, n.º 41, Dicembre, 1980, pp. 25-37.
  - 21 *Summa contra Gentiles* (1258-1264). S. Tomás de Aquino, o "Doutor Angélico", escreveu várias obras, entre elas as *Summas*, das quais a *Summa contra Gentiles*, terminada em 1264, é a primeira. Trata-se de uma obra destinada à conversão dos muçulmanos pelos padres dominicanos, ordem a que pertencia. É, pois, uma exposição da Teologia Cristã adaptada à mentalidade muçulmana, de onde a sua originalidade.
  - 22 Recordo, aqui, a "História Alegre do João Soldado", ouvida na minha infância, conto popular muito difundido em Portugal.
  - 23 Jacques le Goff, *A Civilização do Ocidente Medieval*, Vol. I, Lisboa, Ed. Estampa, 1983, p. 200 e ss..
  - 24 Georges Duby, *O Tempo das Catedrais. A Arte e a Sociedade* (980-1420). Ed. Estampa, Lisboa, 1979, p. 277.
  - 25 *Macau dia a dia*, diário do macaense Francisco António Pereira da Silveira, Manuscritos da Biblioteca da Sociedade de Geografia de Lisboa (Espólio de João Feliciano Marques Pereira)
  - 26 Alceu Maynard Araújo, *Medicina rústica*.
  - 27 Mais recentemente exigia-se o seu envio a 20 pessoas.
  - 28 Françoise Moncomble, "Centralités: Idéologie de l' espace et strategies de neutralisation", in "Actions et Recherches Sociales: Idéologies, Magies et Religions", *Revue Interuniversitaire de Sciences et Pratiques sociales*, Editions Erès, Novembre, 1983, n.º 3 (Nouvelle Série, vol. 12), p. 31, cit. H. Lefebvre, *La production de l' espace*, Paris, Ed. Anthropos, 1974.
  - 29 E. N. Anderson Jr. e Marja H. Anderson, *Food in chinese culture*, p. 376.
  - 30 Consultando os Regimentos do Santo Ofício da Inquisição (Lisboa, 1640 - Liv. III) pode ler-se: "Se alguma pessoa fizer feitiçarias sortilégios ou adivinhações, usando de cousas, e superstições heréticas, encorrerá na pena de excomunhão, confiscação de bens; e em todas as mais, que em direito estão postas no crime de heresia, e contra elles procederão os Inquisidores ...".
  - 31 É de notar que entre os luso-descendentes *filhos-da-terra* estas noções encontram-se, por vezes, muito confundidas.
  - 32 A leitura de sinais naturais é uma prática muito antiga e consiste, vulgarmente, na leitura da posição ou do aspecto dos astros, do aspecto do rasto próprio ou alheio, na interpretação dos sonhos, etc. Consta, aliás, do *Tong Seng* (almanaque de natureza tauista que se publica em Hong Kong por ocasião do Ano Novo Lunar) uma curiosa lista de sinais premonitórios.
  - 33 *Atlas des plantes hallucinogènes du monde*.

## BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

- Amaro, Ana Maria – *Medicina Popular de Macau*, tese de doutoramento apresentada na Universidade Nova de Lisboa, policopiada, Lisboa, 1988.
- Anderson Jr., E. N. e Anderson, Marja H. – *Food in chinese culture*, ed. by K. C. Chang. New Have, Yale University Press, 1979.
- Aquino, S. Tomás de – *Summa contra Gentiles* (1258-1264).
- Araújo, Alceu Maynard – *Medicina rústica*. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1959.
- Atlas des plantes hallucinogènes du monde*. Ed. L'Aurore, Montreal, 1978.
- Bernardini, Bernardo – *Introdução aos Estudos Etno-Antropológicos*. Edições 70, Lisboa, 1974.
- Frazer, Sir James George – *The Golden Bough*, 1.ª ed. 1890 (2.ª ed. 1911-1915) – 12 volumes.
- Hubbert, R. et Mauss M. – *Mélanges d'histoire des religions*, Paris, 1909.
- Hutin, Serge. *La Hechiceria – Técnica de los maleficios*. Ed. Martinez Roca, S.A. Barcelona, 1974.
- Leach, Edmund Ronald – *Critique de l' anthropologie* (1968), tr. francesa de *Rethinking Anthropology* (1961).
- Levy-Bruhl, Lucien – *Le surnaturel et la nature dans la mentalité primitive* (1931) e *La mythologie primitive* (1935).
- Mauss, Marcel – *Esquisse d' une théorie générale de la magie*, em colaboração com R. Hubert, 1904.
- Moncomble, Françoise – "Centralités – Idéologie de l' espace et strategies de neutralisation", in "Actions et recherches sociales: Idéologies, magies et religions", *Revue Interuniversitaire de Sciences et Pratiques Sociales*, Editions Erès, Novembre, 1983, n.º 3 (Nouvelle Série, vol. 12), p. 31, cit. H. Lefebvre, *La production de l' espace*, Paris, Ed. Anthropos, 1974.
- Pessoa, Alberto – *Medicina Primitiva*. Leitura feita na Associação dos Médicos do Centro de Portugal, na noite de 28 de Maio de 1920, Coimbra. Imprensa da Universidade, 1920.
- Psicobiologia – As Bases Biológicas do Comportamento*, com introdução de James L. Mc Gaugh, N. M. Weinberger e R. E. Whalen. Livros Técnicos e Científicos, Ed. SA., Rio de Janeiro, 1975.
- Starobinski, J. – *História da Medicina*, Livraria Moraes Ed., Lisboa, 1967.
- Tylor, Edward Burnett – *Primitive Culture*, t. I, 4.ª ed., Londres, 1903.
- Vasconcelos, J. Leite de – *Etnografia Portuguesa*, vol. I, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1933.